

“COVID-19: O perigo das notícias falsas”

“A desinformação sempre foi perigosa em vários contextos da sociedade, principalmente quando há envolvimento da saúde pública”

ENFERMEIRA ANA CATARINA SIMÕES
SECRETÁRIO DO CONSELHO DIRETIVO
REGIONAL DA SECÇÃO REGIONAL DOS AÇORES
DA ORDEM DOS ENFERMEIROS

A desinformação sempre foi perigosa em vários contextos da sociedade, principalmente quando há envolvimento da saúde pública. Com a chegada da pandemia causada pelo coronavírus, que afetou e continua a afetar muitas pessoas por todo o mundo, consequentemente diversas notícias falsas, incluindo mentiras, informações de saúde enganosas e fraudulentas encontradas nas mais conhecidas plataformas de redes sociais, foram aparecendo, tornando-se um perigo real para a saúde pública e com potenciais consequências para a saúde física e mental dos cidadãos.

A verdade, é que desde o início desta situação pandémica, chegou também uma verdadeira pandemia de informações, que tal como o vírus, circula de forma rápida e por vezes descontrolada. As mesmas estão relacionadas com a forma de transmissão da doença, medidas preventivas e curativas e agora mais recentemente com a vacinação. O assunto é tão delicado que até a Organização Mundial de Saúde usou o termo de “infodemia” para se referir à prática da sua divulgação.

Vários estudos já publicados vêm apontar que este tipo de notícias já causaram centenas de mortes e hospitalizações por todo o mundo, devido ao facto das pessoas acreditarem em possíveis formas de tratamento, bem como em supostos remédios e produtos sem evidência científica que demonstre a sua eficácia no tratamento da doença ou até mesmo em notícias ou vídeos em que os seus



autores colocam em causa a existência do vírus, incentivando os consumidores a ignorar as medidas sanitárias e preventivas, que tão importante são para a prevenção da proliferação do mesmo, ou então a tão comum propagação de informações demasiadamente dramáticas e sensacionalistas que apenas contribuem para aumentar o medo e angústia das pessoas.

Perante tais factos, percebe-se que esta pandemia vem reforçar a importância de lutar contra a desinformação, sendo necessário mobilizar todas as partes envolvidas neste processo, que vai desde o consumidor (que vê, lê, ouve, não denuncia e muitas vezes partilha), às próprias plataformas digitais e autoridades reguladoras. Como medidas corretivas des-

“O assunto é tão delicado que até a Organização Mundial de Saúde usou o termo de “infodemia” para se referir à prática da sua divulgação”

ta situação, sabe-se que a Comissão Europeia e o Serviço de Ação Externa têm estado em contato com as mais conhecidas plataformas de redes sociais para aumentar a promoção do conteúdo proveniente de autoridades de confiança e emprender ações decisivas face a conteúdos falsos e enganosos. Por outro lado, também as plataformas digitais se comprometeram a combater a desinformação nas suas páginas, através da assinatura de um código de conduta, tratando-se de um mecanismo voluntário de autorregulação que nos últimos meses se tem centrado nas questões relativas à COVID 19. Para além disso, alguns países têm optado pela criação de novas leis para combater as notícias falsas, sendo que nalguns deles, as pessoas são julgadas em tribunal, sendo submetidas a multas ou até pena de prisão caso se provem os factos.

Trata-se de um problema complexo, pois há diversos interesses envolvidos, muitas vezes interesses políticos, crimes cibernéticos ou simplesmente piadas virais. Embora o trabalho para combater este tipo de informação seja uma tarefa difícil para as autoridades competentes devido à velocidade e

abrangência que atingem, cabe também a cada um de nós, enquanto consumidores e possíveis divulgadores, um palpe fundamental. Assim, pretende-se que cada um de nós sejamos usuários responsáveis e conscientes das possíveis consequências da divulgação deste tipo de informação. Para o bem-estar de todos é importante em primeiro lugar termos a capacidade de duvidar ou criticar os conteúdos que nos são apresentados, sendo que à partida a informação mais fidedigna é a proveniente das autoridades de saúde mundiais (como a Organização Mundial de Saúde), nacionais (Serviço Nacional de Saúde) e regionais (Serviço Regional de Saúde).

Se esta crítica é importante, é igualmente importante fazer a pergunta: vou ou não partilhar esta informação? Deve-se ter a consciência que a desinformação é um processo que tem os seus criadores, muitas vezes anónimos, os seus propagadores, que muitas vezes são máquinas, mas depende, em última análise, de pessoas concretas, como nós, para ser dominante e eficaz. Se aprendermos a ler a informação a que somos diariamente expostos e que procuramos, também seremos mais

capazes de a filtrar e escolher. Assim se os factos apresentados não são baseados em nenhuma prova (citações, documentos, imagens, links), então a notícia pode ser ou parecer um rumor, uma especulação. No fim, o debate público depende sempre da nossa capacidade de escolher a informação que partilhamos.

Portanto, numa época em que tantas coisas mudaram, uma coisa ficou clara: as notícias verdadeiras são importantes. A verdade, a objetividade e a imparcialidade são importantes. No entanto, cabe a cada um de nós fazer uma escolha das informações, notícias, imagens e vídeos que optamos que entrem pelos nossos olhos e pensamentos. Se por um lado o mundo digital tem sido importante em tempos de isolamento contra o surto do novo coronavírus, permitindo trabalhar a partir de casa e aceder a conteúdos importantes sobre a doença, há também o outro lado da moeda: uma maior disseminação de informações falsas que circulam nas redes sociais e que contribuem para lançar o pânico e a desinformação, numa altura em que ainda se está a conhecer e a descobrir este vírus. ♦